

O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 2.º

Composição e impressão TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

CONTRA A DITADURA DAS DIREITAS

Causas e aspectos da crise actual Impõe-se a coligação das esquerdas

A guerra lançou o mundo num estado revolucionario. A Russia com o seu Estado sovietico, a Italia com o fascismo, a Hespanha com a ditadura militar, a Alemanha com o estranho conubio do social-democrata Ebert e do militarista von Seeckt e até a Inglaterra com o seu ministerio trabalhista, isto sem falarmos na estupenda confusão baltica e na agitação dos povos orientaes, não são mais do que factos, aspectos diferentes de crise social, profunda e extensa, que avassala o mundo.

Por toda a parte a trepidação e a instabilidade, mais agudas nuns pontos, quasi imperceptiveis noutros, avançadas, recedidas, hesitações, precipitações, confusão extrema, eis o espectáculo que se nos offerece e perante o qual raros são os que não perdem a cabeça e conseguem ver uma nesga do caminho que a Revolução he de percorrer.

Os aspectos da luta

O fundo da questão, as raizes da crise geral que atinge os povos, é o estado de empobrecimento, a restrição do poder de compra q. a todos trouxe a guerra, essa guerra ingente que, não só devorou a melhor parte das riquezas acumuladas, por algumas gerações, como comprometeu e apoucou os rendimentos do trabalho futuro.

Nestas circumstancias é natural que cada um pretenda alijar e endossar os encargos que uma tal situação acarreta. Os diferentes Estados procuram salvar-se e engrandecer-se á custa uns dos outros, lutando, e nunca como agora e em 1913-1914, os perigos de guerra foram mais serios e proximos (aliança da Italia e da Hespanha contra o predomínio da França no Mediterraneo; aliança da França com a Polonia e a Tcheco-Slovaquia contra o bloco da Italia e da Hespanha, rivalidade patente da Inglaterra e da França, etc.) e, internamente, dentro de cada Estado, as classes esforçam-se, umas, por manter as posições conquistadas e os beneficios materiaes acumulados, outras, por acudir a miseria em que estão mergulhadas ou de que estão ameaçadas.

Temos pois a luta geral de Estado contra Estado, o a luta particular das classes dentro de cada Estado.

Porém, esta luta interna particulariza-se ainda mais e surgem aspectos novos, mais intrincados, mais confusos, a luta das tendencias dentro de cada classe, a luta das nacionalidades dentro de cada Estado (tendencias separatistas da Catalunha e Galiás, na Hespanha; da Silesia alemã, na Polonia; da Baviera e Romania, na Alemanha, etc., etc.).

Complicação espantosa, mudanças constantes da frente de combate, alianças moveidias, combinações confusas, aliados de hoje que são os adversarios de amanhã, eis o desenrolar dos acontecimentos que passam sob os nossos olhos, como uma vertigem cinematografica.

Pouco a pouco, dentro de cada Estado, as situações tornam-se mais claras. As fracções intermedias ou são anuladas ou deslocadas para a direita e para a esquerda. E finalmente, são, por via de regra e logicamente, as tendencias extremas que travam a batalha final e decisiva e entra-se então no periodo constructivo duma civilização nova.

Eis o quadro que nos offerece o mundo burguez em decomposição.

As forças em presença da democracia em crise

Em Portugal, duramente atingido pela guerra, este estado de cousas não podia deixar de ter a sua repercussão. Em crise financeira e economica anteriormente, a situação agravou-se depois da guerra e tem hoje um aspecto catastrofico. As fracções politico-governamentais baralham-se, confundem-se, amalgamam-se, tentam experiencias que falham, e logo se desligam e dispersam em injurias reciprocas, lançando umas sobre as outras as responsabilidades dos insuccessos para depois se voltarem a unir e de novo a separar sem nada terem realizado.

A instabilidade das posições e dos objetivos das fracções politicas burguezas, é a nota característica dominante do momento.

A impotencia dos remedios empregados impelo a novas combinações, a novas experiencias.

A democracia com as suas peias e reticencias, o parlamentarismo com o seu funcionamento excessivamente moroso e esterilizador, naufragam neste embate furioso dos interesses e das paixões, dando lugar a uma corrente nova dentro do quadro burguez que defende os meios energicos e rapidos como panacea da salvação nacional.

Não temos que extranhar ou que censurar o surgimento desta corrente que se justifica no proprio estado de decomposição que atinge as sociedades. É o instinto de conservação, é a legitima defesa dos interesses e das situações creadas que dá vida e movimento a esse estado de espirito e a essa aggrupação de forças.

A nós, que marcamos na extrema esquerda, cumpre-nos igualmente por instinto de conservação e em legitima defesa, dar combate energico e decisivo a essa corrente, sabendo de antemão que ela não nos poupará logo que triunfe e que é absolutamente impossível estabelecer entre nós qualquer tregua ou conciliação.

Ora a sociedade portugueza apresenta-se assim dividida:

Primeiro plano. Forças politicas.— Democraticas, independentes e alvaristas, dispoendo da maior força parlamentar e do eleitorado na defesa da democracia. Republicanos nacionalistas e monarchicos, dispoendo de menor influencia, na defesa da ditadura.

Segundo plano. Forças militares e outras.— O exercito, desorganizado, indisciplinado, tem entre os seus chefes mais graduados, apaixonados adeptos da maneira forte, a ditadura, mas tem tambem nas camadas inferiores, mais ativas e buliçosas, sinceras dedicacões pela democracia. A victoria duns ou outros offerece iguais probabilidades. Quem caminhar á frente, dispoendo de algumas qualidades de poder organisador e um pouco de audacia, vibrará o golpe e obterá o triunfo, tão facil de alcançar como de perder pouco depois.

Neste plano cabem tambem as forças conservadoras do alto comercio, da grande industria e da finança, inclinadas naturalmente para a acção e o apoio da situação forte dos ditadores. Não se arriscam ostensivamente nos azares da batalha mas auxiliam poderosamente a tentativa

das direitas, q. que é logico e compreensivel.

Terceiro plano. As correntes extremistas, o proletariado, o povo.— É a maior potencia numerica, com a sua minoria combativa fracoonada, e a maioria, uma maioria esmagadora, apatica, inerte, indifferente, joguete docil dos dominadores. O que faz perder a esta força o poder efectivo e real é não só a divisão da sua minoria actante, mas o desconhecimento absoluto que manifesta esta minoria das condições da luta, dos factores que a determinam, dos objetivos que é necessario atingir, dos meios de organização que é preciso desenvolver para aproximar todos os seus elementos constitutivos, etc., etc.

Eis as forças em jogo.

A inutilidade da ditadura das direitas

Neste momento o perante a inercia e a impotencia da Democracia formalista para dar remedio pronto aos males que afligem a nacionalidade e do que todos se sentem ameaçados, desenhava-se o acentuar-se o proposito das direitas em vibrarem o golpe. O terreno não está talvez suficientemente preparado. Não se deslocaram ainda as forças intermedias. Uma grande parte dos individuos que vamos ainda hoje na defesa da Democracia, estarão amanhã do lado oposto como combatentes da ditadura da direita ou da esquerda. É a fatalidade das circumstancias, as ilusões desfeitas, que impoem uma tal attitude. Todavia a preparação do terreno remedio-seo rapidamente no caso de successo para o golpe da ditadura das direitas. No dia seguinte ao da victoria toda a população estará com os vencedores, do mesmo modo que, tres meses depois, todos estarão contra a ditadura que passará a viver num estado de constante sobresalto, até á morte que não se fará esperar.

A ditadura das direitas marcará de inicio por dois ou tres actos espectaculosos que o Zé Brás, incorrigivelmente papalvo, aplaudirá com entusiasmo. A não ser que os ditadores sejam duma estupidez incomensuravel. De profundo e duradouro nada poderá fazer a ditadura das direitas—oá como na Alemanha, na Italia e na Hespanha—porque ela esbarrará nos interesses dos seus mantenedores, interesses em cujo aniquilamento está toda a possibilidade de salvação do maior numero.

As ironias da Historia

O que não sofre duvidas é que o perigo da ditadura das direitas existe o uma tal ameaça determina uma coligação das esquerdas. Ora nestas esquerdas estão compreendidos os partidarios da democracia burguesa.

Estranho espectáculo este, supremacia ironia da Historia, que se compraz em ligar elementos tão dissemelhantes—os defensores da Democracia e o Partido Comunista.

O espectáculo, porém, nada tem de estranho e a historia está cheia destas manobras exquistas e efemerias aparentemente contraditorias mas perfeitamente justificaveis.

O caso pede historia: Um dia dois habitantes da mesma aldeia, inimigos irreconciliaveis, partiram a caminho dum lugar distante.

Caminhavam a par, na mesma estrada, afastados alguns passos, cruzando os seus olhares veigos de odio e esperando cada um deles o descuido do adversario para lhe cair em cima e liquidar contas antigas.

De repente, um lobo toma-lhes o passo, escancarando a gula voraz.

Os dois homens, instintivamente, arremetem contra a fera, vibrám-lhe golpes furiosos, despedaçam-na, liquidam-na. E, afastado este perigo immediato, prosseguem o seu caminho, sem que um tal acto de solidariedade e apoio mutuo tivesse diminuido os ressentimentos de cada um.

Mais tarde, em plena aldeia, os dois homens desavindos liquidaram a sua contenda, perdendo um a vida nas mãos do outro.

Tal é a situação das diversas fracções que se aprestam para o combate contra a ditadura das direitas.

Dizemo-lo com absoluta sinceridade e serena noção de responsabilidade: sejam quais forem as consequencias da peleja não teremos de que arrependernos ou de fazer recriminações. Vamos para o combate porque queremos, porque sabemos ser esse o nosso dever. Cumpri-lo hemos sem hesitações. Para a frente!

Previsões dos acontecimentos

Evidentemente, não é de mais efemero e transitorio que uma aliança entre as diversas correntes do proletariado e os partidarios da democracia burguesa. As direitas conservadoras são impelidas para a ditadura por uma natural necessidade de defesa. Elas não são, formalmente, em principio, opostas ás democracias burguezas.

Pelo contrario, as correntes revolucionarias do proletariado são, por principio, irreconciliaveis com a democracia burguesa e nunca o seu triunfo será um facto sem a destruição dessa democracia.

Não pode haver revolução socialista que não vise estas duas soluções fundamentais— a socialização da propriedade, a terminação da exploração de homem pelo homem. É um combate formal, insofismavel, de classe contra classe. Ora a democracia burguesa é precisamente o contrario disto— a confusão das classes, a pretendida harmonia do que é inconciliavel.

Eis porque são precariamente instaveis as bases duma aliança entre o proletariado e os democratas.

O que nos convinha neste momento é que o conflito entre os partidarios da ditadura da direita e os da democracia fosse alguma cousa de profundo e de extenso, que a aliança das esquerdas ferisse, funda e irremediavelmente, a corrente que se lhe opõe.

Não succederá assim.

A coalizão das esquerdas e a preparação do terreno forçarão as direitas a uma retirada sem combate, neste momento, e o perigo surgirá depois com todo o caracter de inevitavel.

Sim, não alimentemos ilusões a este respeito. A ditadura das direitas é uma prova pela qual teremos de passar, necessaria e indispensavel á experiencia revolucionaria do proletariado portuguez, tão carecido de educação marxista.

Neste momento, porém, o que nos convem é protelar o triunfo dessa ditadura, reagrupar forças, esclarecer e definir as nossas directrizes revolu-

cionarias, depois, pela força natural das circumstancias, pelo agravamento da crise social, as forças intermedias da democracia, ir-se-hão deslocando para os extremos, e estaremos então preparados para acceitar o inevitavel, travando a batalha decisiva.

Até lá precisamos de tempo.

Por enquanto, a conservação da Democracia é-nos necessaria porque ella é ainda uma garantia das nossas possibilidades de expansão e duma relativa liberdade de movimentos.

Ainda não chegou a nossa hora

A politica iniciada pelo sr. Joaquim Ribeiro, na pasta da agricultura, no ultimo trimestre do ano findo, marca um recrudescimento da crise nacional. A fixação do preço elevado ao trigo nacional, muito acima da cotação media do trigo exotico, a obrigatoriedade do seu consumo, ao abrigo de qualquer concorrência, a consequente liberdade de fabrico e de preços para a moagem e panificação, o estimulo das exportações, etc., determinaram um agravamento de cerca de 40 % nos preços de generos alimenticios em 15 de janeiro do corrente ano em referencia aos preços de 15 de outubro do ano findo.

A este agravamento do custo de vida não correspondeu um paralelismo de salarios.

Aquelas medidas, tomadas na intenção de estimular a produção, evitando a drenagem de ouro e valorizando o escudo, foram impotentes para impedir o salto brusco da libra de 104500 para 142500.

A restrição do poder de compra que se manifestou, em virtude da desvalorização do escudo, por um lado, a rarefação da moeda e a dificuldade do desconto, por outro, determinaram crises de trabalho na metalurgia, na construção, na sapataria, etc.

Crise de carestia por um lado, crise de trabalho por outro. Agravamento geral das condições de vida. Este agravamento, que tudo faz prever que recrudescerá, atingirá as mais largas camadas da sociedade e creará por isso uma predisposição geral para tentar novas formas de governo. Nós e os ditadores da direita caçaremos neste terreno. Não nos deve surpreender o facto de termos uma parte do proletariado apoiando a ditadura das direitas, quando a miseria atingir um maior grau de esturajo. Gasta e impotente pa a resolver os problemas da hora presente, deslocadas as suas forças para os campos extremos, a democracia cederá, por um golpe de força que o meio ambiente proporcionar, Aquella das forças extremas que melhor preparada estiver.

Não seremos nós essa força se a situação da Hespanha se não modificar. Mas a ditadura das direitas não se revelará monos impotente que a Democracia para apresentar soluções que eliminem a crise. Um ano de experiencia será mais do que suficiente para exgotar e operar uma nova deslocação de forças, desta vez em proveito exclusivo do proletariado, se ele tiver unhas que detenham e cubra que labore ideas.

Estamos incontestavelmente lançados na via revolucionaria.

A situação que se nos depara agora é uma etapa necessaria para chegar ao fim.

Não nos perturbemos.

As Revoluções

A revolução social tem a sua estrutura profunda e complicada, como a de um exército regular em operações. Ela carece, para vencer, dum mínimo de probabilidades. Uma justa apreciação das forças em presença, a concentração das forças nos pontos decisivos, são problemas fundamentais a determinar. Isto não se consegue sem uma forte disciplina, factor que escassa inteiramente ao proletariado português, mais propenso a aventura, a orientar-se por palavras como as armas poderosas da razão e da justiça, do que a guiar-se por factores positivos.

Depois é preciso ver que a revolução social não está apenas no acto culminante da posse do poder político. É uma tarefa de anos.

Uma vez na posse desse poder, fazer fundo, sem tergiversações, agregar, disciplinar as forças de choque que destinam implacavelmente, que os recursos do poder político burguês e, sobretudo, para que se não esbarce com um Thermidor, não tomar a gestão económica das forças que a nossa capacidade e organização técnicas não comportem, confiar provisoriamente à iniciativa particular aquilo que em nossas mãos possa ser menos útil e benéfico aos interesses colectivos.

Adolfo de Moraes

A greve dos telegrafos-postais

Termine a greve de braços caídos que estes nossos camaradas haviam declarado há vinte dias.

Esta greve foi, depois das duas greves geradas tentadas em Lisboa em 1917, o movimento mais bem feito e ordenado que o proletariado português tem atingido.

Na verdade, nada de mais difícil e perigoso que uma greve de braços caídos, que obriga a permanecer no local do trabalho e a simular trabalho sob a vigilância dos chefes.

Para se conseguir o resultado moral que acabam de obter os nossos camaradas telegrafo-postais não necessitam uma elevada consciência, uma forte disciplina, uma grande solidariedade de classe.

E tão segura é a consciência da força e da vitória que os nossos camaradas se prestaram a normalisarem os serviços antes mesmo de serem atendidas as suas reclamações.

Eles não deixaram de ser satisfeitos tão provado ficou que seria estupidiz recuá-las.

Esta greve dos telegrafos postais é uma das mais belas senko a mais bela jornada do proletariado português. Lá fora dificilmente se fará melhor.

Felicitemos os nossos camaradas telegrafo-postais que, perante a apatia e a desorientação que si se manifestam, soberanamente uarcam um tão esplendido triunfo.

Conferencia regional

A conferencia regional de Lisboa, que havia sido primitivamente marcada para 15 e 16 de Março, foi transferida para 19 e 20 de Abril.

No proximo numero é já publicada a tese A carência da vida e o salario real, de que é relator o nosso camarada J. Carlos Ratos, delegado da Comuna Espartaco.

A nomeação de delegados a conferencia deverá ser comunicada à Federação Comunal de Lisboa, rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º, até ao dia 12 de Abril.

Como se sabe, na conferencia só tomam parte as comunas. dos concelhos do distrito de Lisboa, ao norte do Tejo.

N. Lênine

Os comunistas e os camponeses

GALAMBA & RAMOS SAPATARIA Rua Fernandes da Pousca, 11 (Em frente da Caixa do Teatro Apolo) Explendido Calçado PARA homem e senhora a preços reduzidos

As quimeras de Dufour e de Campos Lima

Os anarquistas não tendo ideas usurpam 'as alheias'

Já demonstrámos que o sindicalismo entre nós não tem possibilidade de ser uma grande força, pelo facto de sermos um país de industria pulverizada. O operariado português está distribuído por 64.470 empresas, das quais 52.740 não occupam mais de 10 operarios. Estas empresas estão ainda disseminadas por 3.800 freguesias.

E' por isso que mesmo no periodo do maior florescimento do sindicalismo entre nós, nunca houve mais de 120.000 confederados ou seja 2 sindicatos por cada fracção de 100 habitantes.

Campos Lima, apesar de tudo isto, continua a estribar-se na força mais do que hipotética do sindicalismo, a querer que o sindicalismo seja a força dominante e a mais capaz de realizar a Revolução.

Como é que um sindicalismo neutro politicamente em face do Estado, dos partidos e teorias sociais, como é que um organismo constituído sob uma base neutral está habilitado a dirigir a Revolução, que é uma obra eminentemente politica e socialista? Pode esperar se que a nepperreira da magre e o peçoquiuro produza acieitosas? E' o absurdo. Pois Campos Lima quer o absurdo.

Mas transcrevámos Campos Lima, para que ele não diga que disoutimos o que ele não disse :

«Se na Rússia houvesse um sindicalismo com tradições e uma longa vida de neutralidade em face do Estado, dos partidos e das teorias sociais, sem duvida que se teria impedido que se tivesse deão à Republica dos Soviets uma organização tão autoritaria, desde que a formula adoptada fosse a defendida por Dufour no seu livro Le syndicalisme et la prolétariaat e a revolução».

Autoritaria a organização da Republica dos Soviets? Talvez, mas dando toda a autoridade à classe operaria e tirando-a das outras classes. E foi assim que a Republica dos Soviets conseguiu resistir durante cinco anos à guerra civil e à pressão exterrã dos Estados capitalistas.

Passemos adiante. Analisemos a capacidade do sindicalismo para se batar a si mesmo, através do livro de Dufour Le syndicalisme et la prolétariaat e a revolução, como nos aconselha Campos Lima.

Dufour pretende : 1.º - Que ha um factor novo, o industrialismo moderno, que impõe necessidades técnicas e economicas incompatíveis com a direcção patronal das industrias.

E' esta a parte mais interessante do livro de Dufour. Ele analisa a concentração industrial operada, os progressos da maquinaria e o mal da multiplicidade das empresas. Simplesmente, Dufour não nos trouxe novidade de nenhuma nesta análise. Ela estava feita há muito por Marx e Engels e muito mais completamente do que fez Dufour. Leia Campos Lima o Manifesto Comunista, publicado em 1847, paginas 14 a 21. Mas Dufour, que provavelmente não tinha lido Marx, ou, pelo menos, o conhecia tão mal como todos os anarquistas, ficou muito surpreendido quando soube que tinha feito no seu livro apenas uma caricatura da análise marxista.

Dufour pretende mais : 2.º - Que o industrialismo moderno, isto é, a concentração das forças economicas, faz nascer o proletariado que, organizando-se, se trava a luta de classe contra a burguesia.

Tambem isto estava dito e redito no Manifesto Comunista, paginas 13-14 e 21-22.

Dufour pretende ainda :

3.º - Que a organização operaria fará a Revolução por ocasião duma guerra europeia que provocará uma intensa crise, empregando como armas a greve geral, a violencia, a defecção duma parte do exército, etc.

Ora a guerra europeia veio. E o sindicalismo foi não só impotente para fazer a Revolução como até para impedir que o capitalismo internacional atacasse a primeira Revolução proletaria.

Pelo contrario, provou-se que um agrupamento, unido sob a mesma base ideologica, sujeito a uma severa disciplina de segão e de latão, é incapaz de fazer a Revolução e de defende-la contra todas as colligações internas e externas.

Isto são factos, não é palavreado. Finalmente Dufour supõe :

4.º - Que os sindicatos, as federações, as uniões de sindicatos e a confederação geral do trabalho podem substituir toda a estrutura organica do sistema capitalista-democratico.

Dufour nada diz sobre as relações entre o pequeno campones e o operario industrial, o que a nós interessa sobremaneira, como de resto sobre muitas outras coisas essenciais que eu já perguntei a Campos Lima e a que este não respondeu, empurrando-me para Dufour.

Ainda se Dufour e Campos Lima se conciliassem... Mas não. Campos Lima opõe se a Dufour. Dufour fundamenta a possibilidade do seu sistema na concentração das forças economicas e Campos Lima quer a livre federação, a pulverização. Teria Campos Lima compreendido Dufour? Mas o melhor será transcreever Dufour que não é menos quimerico que Campos Lima.

Eis o que ele diz :

«Instituições politicas. - Em Paris a Conferença liceica e pessoal do Ministério do Interior, do Conselho das Obras Publicas, da municipalidade da Prefeitura da Policia. Na provincia as bolsas de trabalho encerram as prefeituras e suprimem todos os serviços locais que se prendem com os ministerios precedentes. As funções utras que estas diferentes administrações actualmentemente desempenham ficam a cargo das comissões de direcção e mediação que se vai instaurando o regime sindical».

Ora si temos as uniões de sindicatos, a dirigirem a policia, a distribuir o dos generos, etc. Mas quem desempenha todas estas funções enquanto não se instaura o regime sindical? Não o diz Dufour.

Instituições financeiras. - A Confederação apoiadora do Ministério das Finanças e deposita no Banco de França, transformando em Cédulas do Conselho dos Sindicatos as mesmas. Incentivadas. Suprimem-se as contribuições directas e indirectas e unia-se as dividas consolidada e flutuante.

Instituições judicarias. - A Confederação e as bolsas de trabalho fecham os tribunais civis e comerciais, que já são tomados pelos seus respectivos órgãos reais e unidade de empresa e de propriedade social.

Instituições militares. - Quando os revolucionarios fiquem os senhores da situação poderão suprimir de uma vez o militarismo actual ou deverão momentaneamente consuevir-lhe? E' caso que só podem resolver aquelles que vivem no periodo da Revolução.

Acabou se. Que pena! Não merece comentarios.

Em A Batalha de 10 do corrente temos um novo artigo de Campos Lima.

A nota caracteristica neste artigo é a confusão estabelecida de que pode

existir uma sociedade sem autoridade politica (libertaria) independentemente da liberdade economica.

E cita-nos, como exemplos de experiencia libertaria, as comunas primitivas, o movimento social da Edo Mediev, etc. E' estupidice!

Tu sabes, leitor, o que era a Comuna dos seculos x e xi? Era o burguês comerciante, era o mestre de officio, expoliador do trabalho alheio, acudido o jogo do senhor feudal e subordinando-se ao senhorio directo do Rei.

A situação do homem que trabalhava nas officinas das corporações, nos campos ou nos armazens, era mil vezes mais desgraçada que a do nosso proletariado de hoje, sem qualquer restrição na jornada de trabalho, sem defesa contra a extorsão dos mestres, ou dos burgueses mercadores.

Que bela experiencia libertaria, que genial interpretação da Historia!

E é para isto que se tem um curso superior! Não se dá a conhecer a ignorancia e a inconsciencia com que os anarquistas - como Campos Lima a frente - fazem certas afirmações. E mesmo ainda dá falta de poder que manifestam usurpando as ideas alheias e chamando-lhes suas.

Eles, os anarquistas, imaginam que a idea do funcionamento das sociedades sem o exercicio da autoridade politica é uma invenção sua. Que impostores!

No de Manifesto Comunista, publicado em 1847, as seguintes palavras :

«Uma vez que desapareçam os antagonismos de classe e que toda a produção esteja concentrada nas mãos dos individuos associados, então o poder publico perderá todo o seu caracter politico. O poder politico, na verdade, é o poder organizado duma classe para opprimir as outras. Se o proletariado não se luta contra a burguesia se constitue formalmente as classes, se ele se erige, por sua vez, em classe dominante e como classe dominante destrói violentamente as antigas formulas de produção, ele destrói ao mesmo tempo as condições de existencia do antagonismo das classes, ele destrói as classes em geral e por isso mesmo a sua propria dominação como classes».

Em lugar da antiga sociedade burguesa, com as suas classes e os seus antagonismos de classe, surgirá uma associação onde o livre desenvolvimento de cada um é a condição de livre desenvolvimento de todos».

Os que tiveram seguido esta polémica, entre mim e Campos Lima, devem ter notado que as nossas deducções são baseadas em documentos e em estatísticas, cousa que não succede do outro lado.

J. Carlos Ratos

Lingua internacional Verda Lumo

Com este titulo, acaba de constituir-se, dentro do P. C. P. um grupo de instrução, cujo principal objectivo é propagar o ensinar a lingua internacional Esperanto a todos os trabalhadores, de ambos os sexos, que assim o desejem.

As aulas serão noturnas e os cursos, que durarão 6 meses, terão principio ainda em Fevereiro, encontrando se, desde já, aberta a inscrição de matriculas, na sua sede, Rua Arco Marquez de Alegrete, 30, 2.º, dir., todas as 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, das 21 à 23 horas.

Para aprender a lingua não é necessario ser filiado no Partido, sendo e, porém, para ser socio do Grupo.

Mediante 1800 p. mês, todos os camaradas poderão aprender uma lingua que tão necessaria é para o triunfo definitivo do comunismo universal.

O que pensam os camponeses

Nas conversas que aqui tenho a miude com os meus camaradas noto-lhes uma simpatia estranha pelas directrices do P. C.

Evidentemente, o campones, mesmo o do Alentejo, já treinado na propaganda, não aprende o fundo scientifico da doutrina marxista. Mas o campones, em geral, tem bom senso, tem e sentimento das realidades, tem uma intuição maravilhosas.

Eis como eis apreende os fins do Partido Comunista :

1.º - A situação é desesperada e por isso mesmo implica uma tal situação a necessidade do movimento revolucionario proletario proximo.

2.º - O novo estado de coisas deve justificar-se sendo imediatamente muito precioso para uma melhoria geral das condições de vida. O principio 1.º e 2.º terra aos camponeses, uma vez realiado, terá uma influencia decisiva no aumento da produção e por consequencia no bem estar geral.

3.º - Querendo o proletariado organizar uma sociedade conforme aos seus interesses não faz sentido que elle proprio se recuse a assumir todas as responsabilidades do poder e da direcção revolucionaria.

Aos camponeses, meus companheiros de trabalho e deventura, mete uma confissão diabolica, o disser-se que os operarios dal não acceitam a ditadura do proletariado. O quê!? - dizem eles - pois essas palavras protestam contra a sua propria supremacia? Então eles não sabem que a burguesia resistirá e que é preciso o exercicio dum poder solido para a submeter? Eles não sabem que é preciso destruir as herbas ruins para salvar as semesteiras?

Sim, os meus camaradas não podem compreender que sejam operarios que se revoltam contra a ideia do dominio operario, tão estranha e disparatada lhes parece essa ideia.

E há ainda outras coisas que eles não comprehendem - é que todos os trabalhadores, do campo ou da cidade, não constituam uma frente unica de combate contra a burguesia expoliadora.

E acrescentam : - O Martins : voos tem a certeza que esses hommas que combatem a ditadura do proletariado e a frente unica são operarios? Isso são burgueses que metem essas mihocas na cabeça dos nossos camaradas de Lisboa. Olhe que eles são capazes de tudo. São hommas para se vestirem de operarios e irem lá dizer isso aos rapazes?

Os que não falam assim fazem ainda pior, abandonam os sindicatos, desaperados : - «Eu estou lá para dar dinheiro para essas amolias que não fazem nada nem deixam os outros fazer!»

E' este o estado de capirito por aqui.

Beja, 1924.

Manuel Martins, abalador rural e membro da C. G. de P. C. P.

Vida partidaria

Comuna de Coimbra. - A Comissão administrativa approuv nosso socios e apreção os trabalhos preparatorios para a reorganização dos sindicatos nesta cidade. Evidentemente, na sua sede, rua Sofia, realizar-se-á um assembly geral para apreciação do relatório do delegado ao congresso partidario.

Foi tambem estudado e plano de propaganda entre os rurais, que começa a ser execução com a distribuição gratuita de O Comunistas.

A comissão administrativa reuniu ordinariamente todas as sextas feiras, pelas 17.30. Envia-mos semanalmente o nosso jornal a todos os camaradas filiados de Lisboa. E' talvez necessario lembrar que a cada dia do jornal é pago independentemente da cota do Partido, e a razão de 1800 por mês. Não é de mais se se souber que cada jornal nos custa a nós 30 centavos.

LITOGRAFIA CRISTIANO DE CARVALHO R DA ALEGRIA, 132 - PORTO

A COMERCIAL CHAPELARIA E SAPATARIA Antonio d'Oliveira 13, R. do Mato, 21 69, R. Poins de S. Bento, 53 Preço resumido

Sociedade Lusitana de Alimentação, Lda Tel. 4110 Mercadorias por atacado e por menor Especialidade em champagnes, licores e vinhos do Porto 68, 66, Rua 20 de Abril, 69, 71 LISBOA

Sapataria Lusitana Candoso & Oliveira Calçado p. homem, senhora Encargados de todos os trabalhos de sapataria Encomendam-se as melhores materias primas, nacionais e estrangeiras 20, R. Poins de S. Bento, 20 - LISBOA